

## **A FORMAÇÃO DO GRUPO BUNGE E SUA INSTALAÇÃO NO MERCADO BRASILEIRO (1818-1905)**

**Gustavo Pereira da Silva**

Doutor em História Econômica pelo Instituto de Economia da UNICAMP  
Professor Adjunto no Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná.  
e-mail: gustavopereira@ufpr.br

**Armando João Dalla Costa**

Doutor pela Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle) e Pós-Doutor pela Université  
de Picardie Jules Verne, Amiens  
Professor no Departamento de Economia e no Programa de Pós-Graduação/  
Universidade Federal do Paraná

### **Resumo**

O artigo tem como objetivo estudar a história da Bunge & Co., desde sua origem em Amsterdam, em 1818 até sua chegada no Brasil, em 1905. Para entender o surgimento e crescimento do grupo será levado em conta que ele se iniciou no contexto da industrialização e urbanização europeia. Sua primeira atividade voltou-se para o comércio de produtos coloniais acrescentando, logo em seguida, o comércio de grãos. Depois diversificou para o setor financeiro, compra de propriedades rurais e indústria. Ao chegar no Brasil já estava presente também na América do Norte, Ásia e Austrália, além da Europa e África. Utilizando autores que trabalharam com a teoria do crescimento da firma buscaremos entender quais fatores contribuíram para seu crescimento, a diversificação de suas atividades e sua forte implantação no cenário internacional. Como conclusão prévia pode-se afirmar que sua chegada ao Brasil foi uma consequência natural de seu processo de expansão.



## **1 Introdução**

A Bunge possui, entre fábricas, usinas, moinhos, portos, centros de distribuição e silos, 150 unidades, presentes em 19 estados de todas as regiões do Brasil e Distrito Federal. Em 2011 suas exportações superaram US\$ 8 bilhões, que a transformaram na maior exportadora do agronegócio e na terceira maior exportadora do Brasil em todos os setores<sup>1</sup>.

A história da empresa, no entanto, nem começou no Brasil e tem já uma longa trajetória. A Bunge & Co. foi fundada por um comerciante alemão, Johann Peter G. Bunge, em 1818 em Amsterdam. Sua atividade inicial estava voltada para o comércio de especiarias provenientes das colônias, sobretudo holandesas. Em seguida foi acrescentado o comércio de grãos e outros produtos como borracha, algodão, cacau.

Ao chegar ao Brasil, associando-se ao Moinho Santista, em 1905 a Bunge já estava presente na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), na Argentina, na Austrália, em diversos países da Ásia e da África, assim como em várias nações europeias.

O objetivo deste texto é mostrar como uma firma cresce, se fortalece, diversifica atividades e ramos empresariais, internacionaliza-se. Para tanto, será levado em conta o contexto econômico e político internacional onde aconteceram as principais atividades da Bunge, que iniciaram na Europa e se expandiram para a América, Ásia, África e Austrália. Do ponto de vista teórico o texto apoia-se nos autores que estudaram as razões que levam as empresas a crescerem e se internacionalizarem, como Penrose e Chandler, entre outros.

Com a finalidade de atingir tais objetivos, o artigo foi dividido em três partes, além da introdução e conclusão. Na primeira busca-se mostrar a origem e o desenvolvimento geral da Bunge & Co., desde seu início em Amsterdam até a chegada no Brasil. A segunda parte trata dos motivos que contribuíram para seu crescimento, como a diversificação de atividades, sua internacionalização, a implantação de novas sucursais comerciais em diversos países e continentes, o lançamento de novos produtos, e integrando-se verticalmente. A terceira parte mostra como, porque e quando a Bunge chegou ao Brasil, apoiando-se em documentos primários consultados no Centro de Memória Bunge, em São Paulo.

## **2 Histórico do Grupo Bunge**

Compreender a história inicial do grupo Bunge & Co. é também reportar-se a uma Europa que sofreu profundas transformações econômicas, sociais e políticas nos séculos XVIII e XIX. Politicamente falando estabeleceram-se os atuais “Estados Modernos”, quando a burguesia substituiu a nobreza, ou associou-se a ela, no poder.

Do ponto de vista econômico houve mudanças significativas, sendo que a mais importante foi a revolução industrial, contribuindo para uma mudança na maneira como era feita a produção, de manufaturas artesanais para fábricas; deslocou grande parte da população do campo para as novas cidades industriais, contribuindo tanto para o aumento populacional como para a urbanização dos países industrializados; criou um novo mercado de alimentos para atender a esta população maior e urbanizada; exigiu

---

<sup>1</sup> Dados do site da empresa: [www.bunge.com.br/Bunge/BungeNumeros.aspx](http://www.bunge.com.br/Bunge/BungeNumeros.aspx) Acesso em: 11 Fev. 2013.

uma maior quantidade de matérias primas para atender a demanda industrial. Tais matérias primas eram provenientes da América, Ásia e África que, por sua vez, compravam os produtos das novas indústrias. Como veremos adiante, a Bunge & Co. surgiu exatamente para atender esta nova demanda, de ambos os lados.

A revolução industrial tornou-se um marco na história moderna. Hobsbawm, um dos autores que estudou as principais mudanças recentes, ao falar dela se pergunta:

O que significa a frase “A Revolução Industrial Explodiu”? Significa que a certa altura da década de 1780 e pela primeira vez na História da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornou capaz da multiplicação rápida, constante e, até o presente, ilimitada, de homens, mercadorias e serviços (HOBBSAWM, 2003, p. 50).

Uma das características mais marcantes desta transformação foi a mudança tecnológica. A revolução industrial contribuiu para que se criasse uma nova maneira de produzir, através da divisão social do trabalho, das máquinas que substituíram a força humana e animal, como lembra Landes:

O cerne dessa Revolução foi uma sucessão inter-relacionada de mudanças tecnológicas. Os avanços materiais ocorreram em três áreas: 1) houve uma substituição das habilidades humanas por dispositivos mecânicos; 2) a energia de fonte inanimada, especialmente a vapor, tomou o lugar da força humana e animal; 3) houve uma melhora acentuada nos métodos de extração e transformação das matérias-primas, especialmente no que hoje se conhece como indústrias metalúrgicas e químicas (LANDES, 1994, p. 6).

O aumento da população, sua urbanização, o início da revolução industrial e da produção em escala exigiram também um aumento no comércio internacional, tanto para vender os novos produtos industriais como para atender a demanda crescente de alimentos e de matérias primas necessárias na indústria. A Inglaterra tornou-se a principal oficina do mundo e precisava intensificar seu comércio. Nesta troca, ela comprava matéria prima de várias partes do mundo, agregava-lhe valor e revendia produtos industrializados, para cada vez mais consumidores, independente de onde se encontrassem. Como lembra Hobsbawm este comércio aumentou significativamente no século XIX:

O capitalismo tinha agora o mundo inteiro a seu dispor, e a expansão simultânea do comércio e dos investimentos internacionais dá bem a medida do entusiasmo que teve em capturá-lo. O comércio mundial entre 1800 e 1840 não tinha chegado a duplicar. Entre 1850 e 1870, cresceu 260%. Qualquer coisa vendável era negociada, mesmo aquelas que sofriam direta resistência do país comprador, como o caso do ópio da Índia Britânica exportado para a China (HOBBSAWM, 1977, p.54).

Um lugar especial para o histórico da Bunge foi a atual Holanda. Oficialmente conhecido como Reino dos Países Baixos, adquiriu seu nome Holanda em função de uma de suas províncias<sup>2</sup>. De acordo com Kennedy (1997), entre 1598 e 1605 uma média

---

<sup>2</sup> A região foi habitada por tribos celtas e germânicas na época da conquista romana, em 55 a. C., durante o governo de Júlio César. Permaneceu sob domínio romano até o século V da Era Cristã, quando foi conquistada pelos francos. Com a dissolução do Império Carolíngio, o território se dividiu em vários condados autônomos, entre os quais o da Holanda. No século XV, a Holanda foi dominada pela casa de Borgonha (hoje é uma região da França). Em 1477, o casamento de Maria de Borgonha com Maximiliano da Áustria uniu a nação à dinastia dos Habsburgo. Casamentos dinásticos, no século XVI, colocam a Holanda sob o domínio da Espanha. Os reis espanhóis Carlos V e Felipe II reprimiram o protestantismo, que ganhava terreno entre os holandeses. Em 1568, Guilherme, o Taciturno, da casa de Orange, liderou a

de 25 navios partiu a cada ano para a África Ocidental, 20 para o Brasil, 10 para as Índias Orientais e 150 para as Caraíbas.

Foi no contexto deste aumento do comércio e na consolidação dos novos estados nacionais europeus (entre eles a Holanda e a Bélgica), assim como para atender a demanda por produtos vindos das colônias e dos demais continentes que, “em 1818, um comerciante de origem alemã, Johann Peter G. Bunge, instalou-se em Amsterdam e criou uma empresa com seu nome, a Sociedade Bunge & Co.” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 18).

Durante um longo tempo, cerca de 30 anos, a sociedade construiu sua prosperidade com o comércio de madeiras preciosas, especiarias, algodão, borracha e outros produtos coloniais provenientes de todas as partes do mundo, particularmente das colônias holandesas. Alguns anos mais tarde acrescentaria a este comércio também a atividade de importação de grãos (CENTRO DE MEMÓRIA BUNGE – CMB, 2013, p. 4)<sup>3</sup>.

Em 1859, a convite do rei da Bélgica Leopoldo I, Carlos Bunge transferiu a sede da sociedade de Amsterdam, Holanda, para Antuérpia, na Bélgica. Entretanto, as atividades da empresa continuaram também na antiga sede, onde permaneceu parte da família e dos negócios (GREEN; LAURENT, 1989, p. 19). Esta seria apenas a primeira de diversas outras mudanças de sede. Também representou o início da descentralização do grupo, atuando em dois portos e dois importantes centros comerciais europeus.

A terceira mudança importante ocorreu em 1876, quando “Ernesto Bunge, irmão mais velho de Eduardo, partiu da Europa para a América Latina, deixando seu irmão mais novo encarregado da empresa paterna” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 23). Chegando na Argentina, encontrou uma economia em plena expansão<sup>4</sup>, aberta para a Europa e ávida por novos capitais.

Numa das atividades que se tornaria essencial para a Bunge na Argentina, formou-se a partir de 1880 um vigoroso setor de produção e exportação de grãos. O trigo era produzido no interior e levado para moagem em Buenos Aires e Rosário, de onde a farinha era exportada para poucos países, como o Brasil. A maioria das nações da Europa e os Estados Unidos adquiriam o trigo *in natura*. Esta atividade de vulto na economia portenha estava concentrada nas mãos de grandes grupos exportadores, os chamados “quatro grandes”: Bunge y Born, Huni y Wormser, Dreyfus e Weil Brothers (FAUSTO; DEVOTO, 2004, 165-167).

---

revolta das províncias protestantes do norte contra os espanhóis. A República Unida da Holanda foi proclamada em 1579. No século XVII, o país tornou-se uma potência marítima e comercial, chegando a dominar parte do Nordeste brasileiro. A Bélgica tornou-se independente em 1830. (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081027152755AAOICaI>. Acesso em: 10 Abr. 2013).

<sup>3</sup> Após este período, o fundador da empresa passou o comando para seu filho Carlos Gustavo Bunge. A empresa permaneceria por muitos anos sob o comando da família Bunge, à qual se agregaram outras através de casamentos e novas associações, especialmente na Argentina, onde entraram duas famílias que tiveram forte influência na gestão do grupo, Born e Hirsch (GREEN; LAURENT, 1989; BUNGE Y BORN, 1964).

<sup>4</sup> Em 1853 terminou a guerra civil na Argentina, que aconteceu logo após a independência. Em seguida, a burguesia de Buenos Aires empreendeu campanhas contra os índios dos pampas e liberou uma grande quantidade de terras que foram ocupadas com produção de gado e ovelhas. Já em 1882 instalou-se no país o primeiro grande frigorífico inglês para abater e exportar carne. Por outro lado, a produção de cereais era pouco importante. “Até 1884 a Argentina importava trigo do Chile e farinha de trigo da Europa” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 25). A produção de cereais começou em seguida, em meados da década de 1880, com a imigração italiana, nas franjas da pecuária.

A evolução da produção de grãos argentinos, desde os anos 1870 até o início da Primeira Guerra pode ser observada através da Tabela 1.

TABELA 1 – SUPERFÍCIES CULTIVADAS NA ARGENTINA: 1872-1913 (em mil ha)

Anos	Trigo	Milho	Linho	Alfafa
1872	73	130	-	195
1888	815	801	121	390
1890/1	1.202	-	-	-
1895/6	2.260	1.244	387	713
1900/1	3.380	1.255	607	1.511
1905/6	5.675	2.717	1.023	2.984
1910/11	6.253	3.215	1.504	5.400
1912/13	6.918	3.830	1.733	5.955

Fonte: Guido di Tella; Manuel Zymelman. *Las etapas del desarrollo económico argentino*. Buenos Aires: Eudeba, 1967.

Os primeiros sinais da atividade profissional de Ernesto Bunge na Argentina apareceram em 1880, “com a fundação de um banco criado com capitais de origem europeia: o banco de Tarapaca y Argentina” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 26).

Dando sequência a seus negócios, em 1884 Ernesto Bunge associou-se a outro comerciante alemão vindo de Antuérpia, seu cunhado e amigo Jorge Born. Desta parceria “surgiu a empresa exportadora de cereais: Bunge y Born” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 26). A experiência da firma familiar no comércio internacional e os aportes de capital feitos em 1897 por Alfredo Hirsch e Jorge Oster, dois comerciantes de origem alemã que se associaram a Ernesto Bunge e Jorge Born fizeram com que a firma se destacasse entre os concorrentes.

### 3 A Bunge cresce diversificando suas atividades

A diversificação de atividades tornou-se um dos elementos essenciais no processo de crescimento das empresas modernas. Chandler, analisando o que ocorreu com as grandes empresas modernas norte-americanas destaca que

A diversificação de produtos decorria da possibilidade de usar de maneira mais lucrativa as instalações e o pessoal empregado na produção, na comercialização e nas atividades de pesquisa visando igualmente a explorar as vantagens competitivas. A iniciativa de explorar tais vantagens competitivas organizacionais tornou-se a mola do crescimento da moderna empresa industrial na primeira metade do século XX (CHANDLER, 1998, p. 332-3).

Foi seguindo preceitos como esse que a Bunge & Co. de Amsterdam iniciou seu processo de diversificação. Aproveitando o *know how* conseguido no comércio de produtos coloniais e, utilizando o mesmo pessoal empregado, ao negócio de produtos coloniais, a sociedade Bunge agregou rapidamente a área de grãos, contribuindo para

fazer de Antuérpia, a partir da mudança da sede da empresa em 1859, um dos maiores portos cerealistas europeus.

O aumento populacional do velho continente, assim como a urbanização da população em função do processo de industrialização aumentou a demanda por grãos produzidos tanto na Rússia como na América (Canadá, Estados Unidos, Argentina...). Para Green e Laurent (1989, p. 22), essas novas correntes de intercâmbio se articulam em torno de algumas praças privilegiadas: os portos do Mar Negro e Marselha, para os cereais russos, Buenos Aires e os Grandes Lagos Norte-americanos e Antuérpia, para os grãos americanos.

Apesar do comércio de grãos não ser uma atividade originária de Antuérpia, Bunge & Co., com esta primeira diversificação e os dividendos conseguidos, tornou-se uma das sociedades mais prósperas na cidade. Seus proprietários Carlos e o filho Eduardo Bunge teceram uma extensa rede de relações no mundo dos negócios de Antuérpia que seria de suma importância para o crescimento do grupo, posteriormente, no cenário internacional.

Esta primeira diversificação, incluindo grãos ao negócio de produtos coloniais, poderia ter levado os proprietários da firma a se especializarem no comércio e continuarem nele sem o risco de assumir novas frentes. No entanto, como lembra Penrose, há empresários que não se acomodam no que já conseguiram e buscam novos desafios permanentemente.

Contentes em fazer um bom trabalho em seu próprio setor, os empresários menos empreendedores podem muitas vezes nem mesmo considerar as possibilidades mais amplas que ficariam ao alcance deles se apenas levantassem a cabeça para vislumbrá-las. Se eventualmente obtêm uma percepção delas, eles podem carecer de coragem ou de ambição para atingi-las, embora possam ser produtores ambiciosos, eficientes e bem-sucedidos em seus campos de atividades ou no seu âmbito espacial (PENROSE, 2006, p. 75 e 78).

Foi o que aconteceu com os proprietários da Bunge & Co., sobretudo através da ação da terceira geração da família. A prosperidade da firma e os lucros com as atividades comerciais “permitiram desenvolver, paralelamente, importantes atividades financeiras” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 23). O comércio de cereais e as atividades financeiras estão intrinsecamente ligadas à vida do grupo em Antuérpia, prática que logo em seguida será levada para outros países em que a empresa passará a atuar.

Ao chegar na Argentina, um dos proprietários da Bunge & Co. logo intensificou as atividades do grupo no ramo financeiro. Os primeiros sinais da atividade profissional de Ernesto Bunge no país apareceram em 1880, “com a fundação de um banco criado com capitais de origem europeia: o banco de Tarapaca y Argentina” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 26).

Em 1880 Eduardo Bunge, antes mesmo de criar a Bunge y Born, comprou a Estância La Esperanza, na província de Entre Rios, com uma área de 60.000 hectares, onde criava 30.000 bovinos e 20.000 ovelhas. Pelas informações de Green e Laurent (1989, p. 61-62) Eduardo Bunge e a companhia Bunge y Born continuaram adquirindo outras propriedades, expandindo sua área própria até que, antes de 1936 já possuíam 500.000 hectares consolidando, assim, este novo setor de atividade. Nestas áreas criavam animais selecionados, faziam explorações florestais e cultivos diversos, agregando outras atividades ao grupo Bunge y Born.

Logo em seguida, Ernesto associou-se a Jorge Born e fundariam a primeira filial da Bunge & Co. no continente americano.

“La Sociedad queda constituída bajo la firma “Ernesto A. Bunge y Jorge Born”. Se establece em Buenos Aires el asiento de la sociedad. La sociedad queda constituída por un término de cinco años consecutivos, a constarse desde el primero de Julio de mil ochocientos ochenta y quatro”<sup>5</sup>.

Esta nova empresa comercial na Argentina não significou propriamente uma diversificação, uma vez que o comércio foi a atividade inicial tanto em Amsterdam como em Antuérpia. A experiência da firma familiar no comércio internacional e os aportes de capital feitos em 1897 por Alfredo Hirsch e Jorge Oster, dois comerciantes de origem alemã que se associaram a Ernesto Bunge e Jorge Born (GREEN; LAURENT, 1898, p. 26) fizeram com que a firma se destacasse entre os concorrentes e tivesse um papel preponderante nas exportações argentinas.

Diversificando no sentido da integração de atividades na cadeia produtiva de grãos, a sociedade argentina Bunge y Born atuou em dois níveis: no comércio internacional, em parceria com a Bunge & Co. de Antuérpia, exportando os excedentes de produção da Argentina e, no mercado interno, contribuindo para aumentar a produção cerealista do país<sup>6</sup>. Para melhor desempenhar sua atividade comercial a Bunge argentina construiu silos e elevadores de grãos próximos aos principais portos de exportação e atuou conjuntamente no sistema financeiro, contribuindo com empréstimos aos produtores, devido à fragilidade do mercado financeiro do país, sobretudo até a década de 1930.

A diversificação nas atividades prosseguiu a partir de 1892 quando o marfim e a borracha do Congo passaram a chegar aos depósitos da Bunge & Co., que assegurava a distribuição na Europa. Os volumes do comércio aumentaram a tal ponto do mercado de Antuérpia rivalizar com o de Londres. Ampliando sua diversificação, “... diante do êxito destas operações, os convênios se estenderam ao café e ao cacau” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 43).

No caso do mercado mundial da borracha, até o fim do século XIX as seringueiras naturais na Amazônia sul-americana e na África eram suficientes para atender a demanda. Em seguida, esta produção ficou em segundo plano pelas novas plantações do sudeste da Ásia. “A Sociedade Bunge de Antuérpia, tendo realizado algumas operações lucrativas no mercado de borracha graças ao Congo, associou-se rapidamente ao cultivo desta nova produção na Ásia” (GREEN; LAURENT, 1989, p. 48).

Dando seguimento neste ramo de negócios, em 1903, Eduardo Bunge mostrou seu interesse nas plantações de borracha da Federate Malay State Rubber Co. Ltd, sociedade belga com o objetivo de explorar as plantações nos estados federados malaios. Depois de controlar a Federate Malay State, a Bunge passou a comprar outras plantações em territórios das atuais Malásia e Indonésia. De acordo com Green e Laurent (1989, p. 49), “cerca de 100.000 hectares foram controlados pelo Grupo Bunge por meio de compras sucessivas”.

---

<sup>5</sup> Extrato da *Acta de Constitución de la Sociedad*. Citado em: **Bunge y Born. 80 años creciendo com el país (1884-1964)**. Sociedad Anonima Comercial Financiera e Industrial. Livro com 53 páginas editado por ocasião do cinquentenário da empresa. Pesquisa no Centro de Memória Bunge.

<sup>6</sup> Para um estudo da evolução da produção de grãos no país ver, entre outros: Marc Blain. *L'économie céréalière et son influence sur la croissance économique de l'Argentine (1870-1929)*. Thèse de Doctorat. Université de Caen, France, 1970.



Através da análise de Green e Laurent (1989, p. 50) percebe-se que além das plantações, a Sociedade Bunge & Cia. construiu na Ásia várias plantas industriais para transformar a borracha, agregando-lhe valor e consolidando, também neste caso, seu processo de integração vertical. Em princípio industrializava a borracha de suas próprias plantações e, em seguida, também a de outras plantações vizinhas, com as quais passou a fazer contratos.

Continuando seu processo de integração vertical, agora na outra parte do mundo, em 1902 nascia uma nova empresa na Argentina: a Sociedad Harinera y de Elevadores de Granos. Criada por Eduardo Bunge, faziam parte do conselho de administração membros do grupo de Antuérpia: Van Eetvelde, Alexandre Brown de Tiege, Casimir de Bruyn, Willy Friling (GREEN; LAURENT, 1989, p. 62), demonstrando uma forte inter-relação entre as duas companhias do velho e novo mundo. Eduardo Bunge e seus sócios começaram suas atividades no mercado de fabricação de farinha de trigo. Para garantir o fornecimento de matéria prima regular, tanto em qualidade como em quantidade, a sociedade passou a prestar assistência técnica aos agricultores, fornecendo-lhes sementes selecionadas e crédito agrícola. Com isso, o grupo Bunge y Born passou a dominar todas as etapas do processo produtivo de grãos na Argentina: produção, comercialização e transformação.

Expandindo seu leque de atividades, o grupo Bunge y Born começou a atuar no ramo de algodão, que era cultivado na Argentina desde meados do século XVI. A companhia comercializava fibras e grãos, mas no que se refere à industrialização, começou por transformar os grãos, produzindo a torta de algodão. De início a finalidade era a alimentação animal, mas logo em seguida a produção de azeite mostrou-se mais lucrativa, utilizando-se tanto na alimentação humana como na indústria química, para fabricação de esmaltes e pinturas (GREEN; LAURENT, 1989, p. 64). A Bunge inaugura, assim, as atividades no setor de oleaginosas e, à transformação dos grãos de algodão, agregam-se os de girassol e linho.

#### **4 A Bunge cresce internacionalizando-se**

O processo de internacionalização das empresas passou a ser estudado sistematicamente a partir de meados do século XX e, desde então, surgiram diversas teorias a respeito, tanto para entender as experiências de internacionalização das empresas do tripé Europa, Japão e Estados Unidos, como para entender o processo de novos concorrentes entrando no mercado externo a partir dos países emergentes<sup>7</sup>. No entanto, algumas empresas já nascem internacionalizadas, como lembra Kury (1982, p.31) ao mencionar a experiência da Vale “... a Vale já nasceu voltada para fora” ou “voltada desde o início de suas atividades para o mercado externo”. Foi o que ocorreu também com a Bunge & Co. que teve suas primeiras atividades vinculadas ao mercado internacional, comprando mercadorias de colônias holandesas e vendendo-as no mercado europeu.

---

<sup>7</sup> Para uma primeira aproximação a respeito das teorias de internacionalização de empresas ver, entre outros: DALLA COSTA, Armando. *Internacionalização das empresas brasileiras*. Teoria e experiências. Curitiba: Juruá, 2011.

O primeiro passo rumo à internacionalização, com implantação física em outros lugares/países aconteceu com a mudança da própria sede da firma, de Amsterdam para Antuérpia, na Bélgica, em 1859 (CMB, 2013, p.4). Ao contrário do que acontece com a grande maioria das empresas, que mantêm a sede no país de origem, no caso da Bunge & Co. foi a própria sede que deixou o país onde iniciou suas atividades mantendo, entretanto, as mesmas funções exercidas anteriormente no porto de Amsterdam e Antuérpia.

Outro país que marcou o crescimento e a história da Bunge desde final do século XIX até a Grande Depressão dos anos 1930 foi a Argentina. Nela, a Bunge tornou-se proprietária de terras (1880), entrou no sistema financeiro (1880), no comércio de exportação e importação (1884), passou a fabricar farinha de trigo (1884), diversificou para a produção de azeite de algodão, girassol (1925). Numa palavra pode-se afirmar que a Argentina significou uma sólida implantação da Bunge e contribuiu para estabelecer definitivamente a diversificação em suas atividades econômicas.

Para viabilizar o comércio em todos os locais em que atuava, a Bunge montou uma extensa rede de representantes. Desde o início da primeira década do século XX, mesmo que juridicamente autônomas, a sociedade Bunge & Co. de Antuérpia e a Bunge y Born, na Argentina, atuavam em conjunto no mercado internacional de grãos. A Bunge y Born dispunha de uma rede internacional de representantes em 16 cidades (Londres, Chicago, Liverpool, Hull, Antuérpia, Rotterdam, Hamburgo, Gênova, Nápoles, Livorno, Veneza, Dunkerque, Le Havre, Barcelona, Escandinávia e Brasil), que a mantinha informada, diariamente, dos preços dos cereais nos principais mercados internacionais. Desta forma, conforme Green e Laurent (1989, p. 34), os três agentes de compra em cidades argentinas (Bahia Blanca, Rosário e Santa Fé), mantinham-se informados, assim como suas 40 sucursais em diferentes pontos do país.

Um passo adiante na comercialização foi estabelecer-se nos principais polos de produção mundial de grãos. Fisicamente presentes em Antuérpia e Buenos Aires, os irmãos Bunge e seus sócios não abandonaram os demais pontos estratégicos do comércio mundial de grãos. Desde o começo do século XX uma sucursal do grupo foi inaugurada na Austrália, transportando o trigo da Oceania em direção à Europa (GREEN; LAURENT, 1989, p. 35). Também foram criadas agências nos Estados Unidos e Canadá, em parceria com a companhia francesa Dreyfus<sup>8</sup>. Estas duas empresas tornaram-se as líderes nas exportações de grãos da América do Norte<sup>9</sup>.

Havia também o mercado africano a ser ocupado. De acordo com Green e Laurent (1989, p. 40), em 1887 a conferência de Berlim proclamou a independência do estado do Congo e reconheceu a soberania de Leopoldo I da Bélgica sobre esse Estado. Para viabilizar seu desenvolvimento o rei formou duas sociedades: a Sociedade de Antuérpia de Comércio do Congo<sup>10</sup>, da qual um dos administradores era Eduardo Bunge e a Anglo-Belgian India Rubber and Exploring Co.

---

<sup>8</sup> De acordo com Green e Laurent (1989, p. 81), a propriedade destas sucursais era da Bunge y Born de Buenos Aires ou da Bunge & Co. de Antuérpia.

<sup>9</sup> Em 1920, a compra da empresa americana Mac Gray permitiu ao grupo Bunge y Born dar o primeiro passo em direção à comercialização interna de grãos nos Estados Unidos (GREEN; LAURENT, 1989, p. 37).

<sup>10</sup> A Sociedade Antuérpia de Comércio do Congo foi criada dia 2 de agosto de 1891, com um capital inicial de 400.000 francos belgas, com o seguinte objetivo: “Atuar em todas as operações comerciais, de importações e exportações, de exploração industrial, mineral, florestal, agrícola e outros no território do Estado Independente do Congo” (Alexandre Brown de Tiege. *Biographie Coloniale Belge*. Institut Royal Colonial Belge. Bruxelas, 1948 e 1951, p. 78-80).

As atividades financeiras contribuíram para que a Bunge se internacionalizasse ainda mais, implantando-se tanto em países europeus como da América do Sul e da África. Em 1902 os acordos que ligavam a Sociedade Bunge à Caixa Hipotecária de Antuérpia foram modificados. Formou-se uma nova associação entre a Caixa Hipotecária de Antuérpia, a firma Bunge & Co. e a Sociedade Geral Africana, que ficou responsável pelos convênios com o Congo. Por contrato, a Bunge ficou encarregada de administrar esta nova associação. Com isso, outros produtos passaram a fazer parte do comércio: goma, fumo e mandioca.

“Hasta la primera guerra mundial, mercaderías del enorme dominio privado del Congo y del dominio de la Corona alimentan los negocios de Edouard Bunge. Este crea todas las piezas de un engranaje necesario para la existencia de un mercado fuertemente extendido suplantando, en ciertos casos, a los de Londres, Liverpool y Hamburgo. En 1905, Amberes se convierte en el primer mercado de caucho del mundo. Gran parte del mérito recae em Edouard Bunge. De manera tal que no debe asombrarnos que el gobierno francés le solicite, en 1906, organizar en Francia un mercado similar. París desea, además, que las mercaderías originarias del Africa Ecuatorial sean dirigidas hacia los puertos de Marsella, Burdeos y El Havre. Edouard Bunge apoya esas iniciativas extranjeras. La creación de la Sociedad Francesa de Caucho es, entre otras, una prueba evidente de ello”<sup>11</sup>.

De acordo com Green e Laurent (1989, p. 57), em 1880 a Bunge & Co. de Antuérpia, associada a outros capitais, fundou no Chile e na Argentina, o Banco de Tarapaca y Argentina. Em 1905 esta instituição associou-se com o Banco Anglo-Argentino, no qual a Bunge & Co. de Antuérpia e a Bunge y Born possuíam participações. Em 1907, esta empresa mudou seu nome para Banco Anglo-Sulamericano e cresceu tanto que, em 1925 era o primeiro banco estrangeiro na Argentina e o sexto maior em reservas.

Em 8 de junho de 1905 foi criado em Paris o Banco Hipotecário Franco-Argentino, com a participação do Banco da União Parisiense (Paris); Sociedade Geral da Bélgica (Bruxelas); Heine y Cia. (Paris); Mallet Hermanos (Paris); Verves y Cia. (Paris); Bunge & Co. (Antuérpia). Este banco tinha como objetivo “todas as operações de crédito hipotecário na República Argentina, na França, em suas colônias e nos países do protetorado”<sup>12</sup>. O capital inicial era de 25 milhões de francos e, no conselho de administração do banco em 1916 apareciam, entre outros: Eduardo Bunge (Bunge & Co. de Antuérpia); Ernesto Bunge e Jorge Born (Bunge y Born argentina)<sup>13</sup>.

A tabela 2 sintetiza as principais ações da Bunge no seu movimento de internacionalização e nos dá uma visão geral deste processo, no seu primeiro século de atividades.

**Tabela 2 - Grupo Bunge e seu processo de internacionalização – 1818-1911**

Ano	País	Empresa	Atividade	Observações
1818	Holanda	Bunge & Co.	Importação de produtos coloniais	Início das atividades e primeira empresa

<sup>11</sup> “Edouard Bunge”, por E. Schoonhoven. In: *Biographie Nationale de Belgique*. Academia Real de Ciências, Letras e Belas Artes. Tom 35. Bruxelas, 1970, p. 92-93.

<sup>12</sup> *L'Index Financier*, no. 38. Bélgica: Bruxelas, 21 de setembro de 1930, in: Green e Laurent, 1989, p. 82.

<sup>13</sup> *Jornal La Nación*. Buenos Aires, Argentina, 1916.

1859	Bélgica	Bunge & Co.	Comércio internacional	Acrescentou grãos às importações
1880	Argentina e Chile	Banco Tarapaca y Argentina	Serviços financeiros em geral	Forte atuação no financiamento agropecuário
1880	Argentina	Estância La Esperanza	Criação de 30.000 bovinos e 20.000 ovelhas	Início das atividades pecuárias e propriedades rurais da Bunge
1884	Argentina	Bunge & Born	Exportação de cereais	Início das atividades comerciais na América
1891	Congo	Bunge & Cia.	Importações, exportações, exploração industrial, mineral, florestal, agrícola no Congo	Início das atividades na África
Início 1900	Austrália	Bunge & Born; Bunge & Cia.	Exportação de cereais da Oceania para Europa	Primeiras atividades na Austrália
Início 1900	Estados Unidos	Bunge & Born; Bunge & Cia.	Exportação de cereais para Europa	Início das atividades nos Estados Unidos
Início 1900	Canadá	Bunge & Born; Bunge & Cia.	Exportação de cereais para Europa	Início das atividades no Canadá
1903	Malásia e Indonésia	Federate Malay State Rubber Co. Ltd.	Exploração e exportação de borracha	Continuação da diversificação de atividades no comércio mundial
1905	França	Banco Hipotecário Franco-Argentino	Crédito hipotecário na Argentina, França, e suas colônias	Ampliação geográfica das atividades financeiras
<b>1905</b>	Brasil	Moinho Santista	Produção de farinhas	Marcas de farinha: Sol, Santista e Paulista
1910	Mundo	Bunge Argentina e Antuérpia	Representantes comerciais	16 cidades na Europa, e América do Norte e do Sul
1911	Brasil, Uruguai e Argentina	Banco Brasileiro Italo-Belga	Atividades bancárias	Início das atividades financeiras no Brasil e no Uruguai

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do material da Bunge & Born, literatura sobre a empresa e de informações coletadas no acervo do Centro de Memória Bunge em São Paulo.

## 5 Outras razões que levaram a Bunge a crescer

O lançamento de novos produtos é uma estratégia importante para a sobrevivência e crescimento da firma. A Bunge & Co. após consolidar-se nos ramos comercial, financeiro e de propriedades rurais, partiu para novas oportunidades decorrentes do conhecimento acumulado nestas áreas.

De acordo com Green e Laurent (1989, p. 64) a Bunge passou a industrializar grãos de algodão, girassol e linho, produzindo desde torta para alimentação animal até

azeites para alimentação humana e subprodutos para a indústria química utilizados na fabricação de esmaltes e pinturas.

A farinha foi lançada nos mercados a partir dos moinhos Sociedad Harinera (1902) e Moinho Santista (1905) que, em seguida, diversificaram produzindo outros derivados do trigo e demais grãos.

Por fim, autores diversos, com destaque para Chandler (1988) insistem na importância que teve a integração vertical para o crescimento e fortalecimento das empresas.

Na Bunge & Co. há dois casos típicos de aproveitamento das oportunidades e da sinergia das vantagens em função da integração vertical. Um veio da Argentina onde a empresa agiu tanto comprando terras (La Esperanza), como financiando os produtores rurais (Banco Sulamericano), agindo no transporte, montando silos e armazéns, construindo indústrias de transformação de grãos (azeites e farinhas) e exportando estes mesmos produtos.

Outro exemplo vem da Malásia e Indonésia onde a Bunge agiu também comprando propriedades agrícolas, produzindo e comprando borracha de outros proprietários de seringais e fazendo a primeira industrialização da goma arábica antes dela mesma proceder à sua distribuição no comércio mundial.

## 6 Chegada da Bunge no Brasil

A Bunge chegou ao Brasil em 1905, associando-se às atividades moageiras do Moinho Santista. Naquele momento, o Brasil tinha o café como esteio econômico, mas não significava que a economia nacional resumisse as atividades às suas lavouras<sup>14</sup>. A própria evolução do café engendrava novos empreendimentos que nasciam atrelados à produção e comércio cafeeiro, mas que posteriormente adquiririam autonomia. Indústrias, bancos, serviços públicos, ferrovias são exemplos que corroboram a tese do café como gerador de um complexo econômico, concentrado no Estado de São Paulo, que encadeava diversas atividades paralelas aos negócios cafeeiros<sup>15</sup>.

Todavia, abordar a formação da riqueza brasileira sob a ótica do café na Primeira República (1889-1929) e esquecer a importância da subsistência dos trabalhadores seria agir de forma equivocada. A população brasileira aumentara, e muito, desde 1872, data do primeiro recenseamento geral. Saltou de pouco mais de 10 milhões de habitantes no referido ano, para mais de 23 milhões em 1910<sup>16</sup>. Por sua vez, o Estado de São Paulo era o segundo mais populoso, com 3 milhões de habitantes em 1910, ficando atrás somente das Minas Gerais e sua população de quase 4,5 milhões de pessoas.

Era do sucesso da produção e exportação do café, e dos ganhos de renda que ele proporcionava aos patrões e empregados, desta população cada vez maior, que viria a demanda para as outras atividades econômicas engendradas, sobretudo, em São Paulo,

---

<sup>14</sup> O café se tornou o principal produto da pauta de exportação brasileira na década de 1830 e só perderia esse posto na metade do século XX. Entre 1901-1910, o café representava quase 53% das exportações nacionais, tendo a borracha ocupado o segundo lugar ao representar quase 26% das exportações brasileiras no período, o que em grande parte se deve ao volumoso comércio da borracha amazônica (SINGER, 2006, p. 387).

<sup>15</sup> A ideia de um complexo econômico cafeeiro formado no Estado de São Paulo encontra-se no texto de Wilson Cano, *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo* (CANO, 1981, p. 20-21).

<sup>16</sup> [http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos\\_pdf/populacao/1908\\_12/populacao1908\\_12v1\\_018.pdf](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_018.pdf)  
Acesso em: 02 Fev. 2013.

núcleo do complexo exportador cafeeiro. Em que pese o setor cafeeiro ter enfrentado crises de superprodução nas primeiras décadas do século XX, inclusive na I Guerra Mundial entre 1914-1918, podemos convir que na Primeira República o café viu reforçada sua posição hegemônica nos ditames da economia nacional, estando tanto o Governo Federal quanto as esferas estaduais articulados em arranjos para manter em alta a cotação do produto no mercado externo, através dos Planos de Valorização do Café.

Um dos problemas de apoiar a economia nacional na produção do café se situava na elevada propensão que os cafeicultores tinham em adquirir bens do mercado externo. Formar uma indústria nacional que produzisse os mais variados bens passava ao largo de indivíduos bem articulados com importadores de mercadorias estrangeiras que serviam de abastecedores do mercado interno. Importava-se de tudo: de leite condensado e lagosta a vidro e máquinas agrícolas (SILVA, 2011).

A presença de mercadorias e capitais estrangeiros na economia latino-americana era uma realidade que vinha desde o século XIX – ou mesmo desde os tempos coloniais. Países como Argentina, Chile, Colômbia, México, que apoiavam suas economias na extração ou produção de bens primários – trigo, nitratos e cobre, café entre outros – acostumaram-se desde cedo a recorrer a tomadas de empréstimos junto a bancos e governos de nações industrializadas, predominando até a I Guerra Mundial o crédito vindo da Inglaterra e, posteriormente, o de origem norte-americana (SAES, 2010, p. 60-65; CASTRO, 1978).

Porém, a lógica da aquisição de bens importados se dava em sentido inverso. Eram nossos capitais que fluíam do mercado nacional para obter os bens necessários à nossa vivência e que, uma vez não produzidos em território nacional, teriam de ser buscados no exterior. Muitas empresas percebiam este jogo e viam nele a possibilidade de açambarcar um mercado consumidor que tinha grandes dimensões, uma atividade central que gerava renda e uma carência de indústrias nacionais que pudessem dar vazão a esta demanda.

O móvel que levaria empresas estrangeiras a se embrenharem na formação de unidades locais no Brasil passava por quatro objetivos:

[...] 1) O processamento de matérias-primas locais com vistas à exportação do produto final [...] 2) A obtenção da primazia no abastecimento dos mercados locais, mediante a antecipação à entrada dos concorrentes ou o afastamento dos mesmos da competição interna [...] 3) A substituição parcial das importações de produtos industrializados [...] e 4) O aumento da participação no abastecimento do mercado interno através da produção local de bens anteriormente importados, baseada na disponibilidade de matérias-primas a baixo custo e na existência de uma demanda interna compatível com a obtenção de certas escalas mínimas de produção [...] (SUZIGAN; SZMRECSÁNYI, 2002, p. 236).

Com a dinamização do fluxo imigratório ao Brasil na década de 1880 – antes somente 200 mil imigrantes haviam chegado – este número mais do que dobrou e, na seguinte chegariam ao Brasil quase 1.200.000 imigrantes<sup>17</sup>. Os europeus desembarcados no Brasil, em sua maioria, inicialmente destinados às lavouras cafeeiras, tentavam

---

<sup>17</sup> IBGE. Departamento Nacional de Imigração e Instituto Nacional de Imigração e Colonização. Extraído de Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de Povoamento, p. 225.

manter seus hábitos de consumo, como a alimentação a base de pão e massas, o que fez aumentar a demanda interna pela farinha de trigo (SUZIGAN, 2000, p. 201).

Na primeira década do século XX, a produção nacional de farinha de trigo supria aproximadamente 50,9% do consumo total em 1903, cifra que aumentou para 57,5% em 1909. A solução que restava ao Brasil era recorrer ao abastecimento junto aos fornecedores estrangeiros. Dentre estes, Estados Unidos e Argentina se destacavam. O primeiro pela forte persuasão junto às autoridades do governo brasileiro para que o produto (a farinha) norte-americano não sofresse taxaço, medida que era clamada pelos moinhos brasileiros (SUZIGAN, 2000, p. 207).

Foi, portanto, neste contexto e para atender esta demanda de farinha de trigo que a Bunge começou suas atividades no Brasil, ao associar-se ao Moinho Santista. Esta empresa foi fundada em 1905, conforme pode-se perceber pela *Acta da Assembleia Geral Constituinte da Sociedade Anonyma Moinho Santista*.

“Aos trinta dias do mês de setembro de 1905, na sede provisória da “Sociedade Anonyma Moinho Santista”, à Rua Onze de Julho, n.2, sobrado, presentes 16 senhores accionistas representando 1.000 acções, com 200 votos, como foi verificado no livro de presença, devendo constituir o capital da Sociedade Anonyma Moinho Santista a quantia de R\$ 1:000:000\$000, mil contos de réis, exhibiu-se perante a reunião o certificado de depósito de dez por cento do capital em dinheiro, ou cem contos de réis depositados na agência em Santos do Banco Commercial Italiano de São Paulo, nesta data, bem como dois exemplares dos Estatutos, devidamente assinados por todos os subscriptores”<sup>18</sup>.

Além de precisar a data e montante de ações, a mesma ata ajuda a entender quem eram os principais sócios, quanto capital tinham investido e as ações por eles adquiridas. A lista é formada por 16 subscriptores do capital, conforme pode se verificar pela Tabela 3.

Tabela 3 – Acionistas e quantidade de ações dos Fundadores da Sociedade Anonyma Moinho Santista, 1905.

<b>Ordem</b>	<b>Nome</b>	<b>Capital (mil réis)</b>	<b>Ações</b>
1	Bento de Souza	20:000\$000	200
2	Artur Herrero	1:000\$000	10
3	Leonardo Puglisi	10:000\$000	100
4	Julio Novieli	2:000\$000	20
5	José Puglisi	10:000\$000	100
6	Nicola Puglisi	15:000\$000	150
7	Arturo Lopes Leal	2:500\$000	25
8	Leonel Lopes Leal	2:500\$000	25
9	Joaquim da Silva Pinto	1:500\$000	15
10	Fidele Papini	2:000\$000	20

<sup>18</sup> Extrato da *Acta da Assembleia Geral Constituinte da Sociedade Anonyma Moinho Santista*. Pesquisa no Centro de Memória Bunge. São Paulo, janeiro de 2013.

11	Eugênio Falchi	2:500\$000	25
12	Bernardino Falchi	2:500\$000	25
13	Pamphilio Falchi	2:500\$000	25
14	Frarla Lombardiolo	2:000\$000	20
15	Ruglisi Carbonolo	14:000\$000	140
16	Thomas Alberto Alves Saraiva	10:000\$000	100
TOTAL		100:000\$000	1.000

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da *Acta da Assembleia Geral Constituinte da Sociedade Anonyma Moinho Santista*. Santos, 1905. Pesquisa no Centro de Memória Bunge. São Paulo, janeiro de 2013.

A consolidação efetiva, do ponto de vista legal, da nova sociedade aconteceu com a formalização que foi

“Autorizada pelo Decreto do Governo Federal no. 5.746, de 31/10/1905. A Junta Comercial do Estado de São Paulo, arquivou a Ata da Assembleia Geral da Constituição, em sua sessão de 06.10.1905, sob no 801, tendo a sociedade como primeiro presidente o senhor José Puglisi Carbone”<sup>19</sup>.

De acordo com o mesmo documento, a capacidade do moinho era de 80 toneladas diárias e a força motriz necessária era produzida no próprio estabelecimento por um gerador a gás de 250 H.P. usando como combustível hulha ou coque. Não havendo naquele tempo luz elétrica, o edifício era iluminado a querosene, importado da Bélgica. As primeiras máquinas elétricas no moinho só foram instaladas em 1913.

A planta industrial foi construída num terreno com área total de 24.000 m<sup>2</sup>, tendo 17.300 m<sup>2</sup> de área construída. As atividades eram constituídas por: moinho de trigo; fábrica de misturas; fábrica de sobremesas; fábrica de fermento; exportação de farelo de trigo (S.A. MOINHO SANTISTA..., p. 4). O trigo era proveniente do Brasil, Argentina, Canadá, Uruguai, Bulgária e Estados Unidos.

Como verificou-se acima, naquela tempo o Brasil não dispunha de uma indústria de máquinas e equipamentos para atender a demanda das novas empresas. Por isso, “a maquinaria deste primeiro setor de moagem foi fornecida pela Amme Giesecke Koenegen, firma antecessora da hoje Miag Braunschweig, da Alemanha que, na época, produzia as máquinas mais modernas” (S.A. MOINHO SANTISTA..., p.3).

Em relação à logística de distribuição destacavam-se três modais. O primeiro era o rodoviário. Através dele, os clientes retiravam seus produtos diretamente do moinho, gerando uma movimentação de 90 a 120 caminhões por dia. Havia também atendimento ferroviário com o qual o moinho fazia o despacho das mercadorias para seus clientes. Para tanto, construiu um desvio ferroviário com capacidade para 35 vagões, com 7 carregamentos simultâneos. Por fim, os produtos da linha doméstica eram despachados do moinho via navegação de cabotagem, que os levava até Manaus, atendendo todos os clientes situados próximos ao litoral<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Extrato do documento *S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais*. Documento que traça um perfil do Moinho Santista, com as principais informações, com 15 páginas. Pesquisa no Centro de Memória Bunge. São Paulo, janeiro de 2013.

<sup>20</sup> Informações contidas no *S.A. Moinho santista. Indústrias Gerais*, p. 7. Pesquisa no Centro de Memória Bunge. São Paulo, janeiro de 2013.



A capital, São Paulo, pelo seu adensamento populacional, industrial e influência política, passou a atrair, desde o início do século, a sede de diversos empreendimentos. De acordo com o mesmo documento (p. 4), “... por Assembleia Geral Extraordinária, de 17 de setembro de 1908, a Sociedade transferiu sua sede legal de Santos para a capital do Estado de São Paulo, onde abriu o seu primeiro escritório, à Rua da Quitanda, n.6, sobrado”.

A interdependência entre as firmas da Bunge continuou aqui no Brasil, como acontecera antes entre Antuérpia e Argentina. Como o país não era um produtor de trigo, este grão precisava ser adquirido no exterior, de um fornecedor que era a Bunge & Born argentina, como pode-se verificar pelo relato na ata da diretoria e do conselho fiscal.

“O diretor presidente José Puglisi Carbone comunica a sua chegada de Buenos Aires para onde havia partido para iniciar as relações de compra de trigo, tudo conforme resolução tomada na reunião última da diretoria e do conselho fiscal...”<sup>21</sup>.

Outra forma de verificar a relação do Moinho Santista com a Bunge y Born argentina aparece na própria contratação de seus diretores: “Os diretores dizem não terem a menor dificuldade que o contrato seja renovado e dão ordem ao senhor Ugliengo de enviar para o senhor Hirsch para a devida aprovação, uma cópia do contrato”<sup>22</sup>. O senhor Hirsch, como visto acima, era um dos dirigentes e sócios da Bunge y Born argentina.

“A Bunge chegou ao Brasil em 1905, associando-se à S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais, empresa de compra e moagem de trigo estabelecida em Santos, São Paulo. As primeiras farinhas produzidas no Moinho de Santos foram a Sol, Santista e Paulista” CMB, 2013, p. 4).

Esta associação fica evidente analisando-se a relação dos acionistas da firma em 31 de dezembro de 1907. Ernesto Bunge e Jorge Born aparecem na lista em quarto lugar entre os maiores acionistas, com 10% do capital do Moinho Santista, como pode-se observar pela tabela 4.

Tabela 4 – Moinho Santista – Accionistas em 31 de dezembro de 1907

<b>Ordem</b>	<b>Accionistas</b>	<b>Acções</b>
1	Bento de Souza & Comp.	1.230
2	Nicola Puglisi Carbone	1.200
3	Cav. J. Puglisi Carbone	1.185
4	Ernesto A. Bunge & J. Born	1.000
5	Thomaz A. Alves Saraiva	750
6	Rodolfo Crespi	635
7	Leonardo Puglisi Carbone	500
8	Eng. Julio Micheli	385

<sup>21</sup> Extrato da *Acta da Sessão Conjuncta da Directoria e do Conselho Fiscal*. Santos, 21 de fevereiro de 1907. Pesquisa no Centro de Memória Bunge.

<sup>22</sup> Extrato da *Acta da Reunião do Conselho Administrativo*. São Paulo, 11 de março de 1916. Pesquisa no Centro de Memória Bunge. São Paulo, janeiro de 2013.

9	C. Boav. Rodrigues de Souza	250
10	Vicente Teixeira Marques	250
	Sub-Total	7.385
11-41	Outros	2.615
41	TOTAL	10.000

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Acta dos Accionistas, in: Diário Official 1244, de Sexta Feira, 14 de Fevereiro de 1908.

Analisando-se a ordem e o percentual dos 41 acionistas, merecem destaque: i) a quantidade e a velocidade de aumento de investidores na firma. Na primeira assembleia em que foi fundada a empresa, em 1905, havia 16 acionistas, número que passou para 41 no final de 1907; ii) a participação da família Puglisi, detentora de 33,85% das ações; iii) a presença de algumas personalidades e/ou empresas ilustres na época, como o 22º maior acionista, José Martinelli, com 100 ações e o 24º, F. Matarazzo & Co., com 80 ações. Desta forma, fica comprovada a maneira como a Bunge chegou, associando-se a uma empresa local e, a partir dela, deu início à sua trajetória em território brasileiro.

## 7 Considerações finais

A Bunge & Co. nasceu no contexto da primeira revolução industrial e beneficiou-se da formação das novas cidades, da urbanização da população europeia, assim como da demanda por produtos alimentícios e matérias primas para a indústria. Sua atividade inicial, de comércio de especiarias coloniais, logo a conduziu para uma precoce internacionalização, fator que acabaria beneficiando-a no seu processo de crescimento. Suas atividades, além da Europa, expandiram-se para o continente americano, asiático, africano e australiano.

A atividade financeira foi incorporada à Bunge & Co. Seus bancos passaram a financiar o próprio comércio, mas também os produtores de grãos na América (Argentina), os fazendeiros de borracha na Ásia (Indonésia e Malásia), o comércio africano. Também contribuíram para constituir outras empresas no seio da própria Bunge, financiando plantas industriais na Argentina, na Malásia, no Brasil.

Outro fator que colaborou no crescimento da Bunge foi sua ampla diversificação de atividades: começou com o comércio de produtos coloniais, passando para importação e exportação de cereais, comércio de borracha, cacau, café e marfim. Atuou na industrialização de grãos, da borracha, produziu azeite, farinha de trigo e outros derivados de grãos. Também atuou comprando propriedades rurais tanto para criação de gado como para produção de grãos e borracha.

A chegada da Bunge ao Brasil foi apenas uma consequência natural de um processo de expansão iniciado quase um século antes. O país produzia, naquela época, elementos essenciais para a Europa, matérias primas, que já se encontrava na segunda revolução industrial. Por outro lado, o Brasil começou a constituir-se num mercado interno promissor e a Bunge buscou atendê-lo tanto com o comércio de importação-exportação como atuando com plantas industriais ao associar-se, de início, com o Moinho Santista.

## 8 Referências

## 8.1 Documentos e fontes primárias

- Acta dos Accionistas, in: *Diário Oficial* 1244, de Sexta Feira, 14 de Fevereiro de 1908.
- BUNGE Y BORN. *80 años creciendo com el país (1884-1964)*. Sociedad Anonima Comercial Financiera e Industrial. Buenos Aires: Bunge y Born, 1964. 53 p.
- CENTRO DE MEMÓRIA BUNGE - CEM. *Histórico do Grupo Bunge*. São Paulo: CMB, 2013 (Impresso pelo CEM, com 73 páginas, fornecido aos autores na primeira visita, em 24 de janeiro de 2013).
- Col. Moi. San. (Caixa Preta 15). Pasta 12 / Doc.: 00016. “*Estatutos da Sociedade Anônima Moinho Santista*”. Datas-Limite: 1905-1908. Centro de Memória Bunge. São Paulo, 2013.
- Col. Moi. San. (Caixa Preta 15). Pasta 16/Doc.: 00020 e 00021. *Ata de Reunião do Conselho administrativo e Ata de Sessão da Diretoria e Conselho Fiscal*. Datas-limite: 1907-1916. Centro de Memória Bunge. São Paulo, 2013.
- Caixa E.21 Pr.06 T.01. *S.A. Moinho Santista – Indústrias Gerais*. Início da história do Moinho santista e a origem das máquinas e equipamentos. Centro de Memória Bunge. São Paulo, 2013.
- Caixa E.21 Pr.02 Alb.02. “*Estatísticas de Produção e Consumo*” (refere-se aos anos 1935 a 1940). Centro de Memória Bunge. São Paulo, 2013.
- Caixa Preta 13. Col. Moi. San. Pasta: 14/Doc.: 00019. *Perfil Bunge Y Born 1884-1964*. Datas-Limite: 1964. Centro de Memória Bunge. São Paulo, 2013.
- Caixa Preta 14. Col. Moi. San. Pasta: 03/Doc.: 00004. *S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais*. Documento que traça um perfil do Moinho Santista, com as principais informações, com 15 páginas. São Paulo: Centro Memória Bunge, 2013.
- IBGE, 2000. Apêndice: *Estatísticas de povoamento*.

## 8.2 Demais referências

- TIEGE, Alexandre Brown de. *Biographie Coloniale Belge*. Institut Royal Colonial Belge. Bruxelas, 1948 e 1951, p. 78-80.
- BLAIN, Marc. *L'économie céréalière et son influence sur la croissance économique de l'Argentine (1870-1929)*. Thèse de Doctorat. Université de Caen. France, 1970.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Campinas, SP: UNICAMP/IE, 1981.
- CASTRO, Ana C. *As empresas estrangeiras no Brasil: 1860-1913*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CHANDLER, Alfred. *Ensaio para uma teoria histórica da grande empresa*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- DALLA COSTA, Armando. *Internacionalização das empresas brasileiras. Teoria e experiências*. Curitiba: Juruá, 2011.
- FAUSTO, B.; DEVOTO, F. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- GREEN, Raúl; LAURENT, Catherine. *El poder de Bunge & Born*. 2.ed. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1989. Edição original: *Bunge & Born. Puissance et secret dans l'agro-alimentaire*. Paris: Edition Publisud, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. *A era das Revoluções: 1789/1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081027152755AAOICaI>. Acesso em: 10 Abr. 2013.

- [http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos\\_pdf/populacao/1908\\_12/populacao1908\\_12v1\\_018.pdf](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/populacao/1908_12/populacao1908_12v1_018.pdf). Acesso em: 10 Fev. 2013.
- KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- KURY, Mário da Gama. *Companhia Vale do Rio Doce: 40 anos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LANDES, David. *Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- PENROSE, Edith. *Teoria do crescimento da firma*. Campinas: Unicamp, 2006.
- SAES, Alexandre M. *Conflitos do Capital: Light versus CBEE na formação do capitalismo brasileiro (1898-1927)*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.
- SILVA, Gustavo P. *Uma dinastia do capital nacional: a formação da riqueza dos Lacerda Franco e a diversificação na economia cafeeira paulista (1803-1897)*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2011, tese de doutorado.
- SINGER, Paul. “*O Brasil no contexto do capitalismo internacional: 1889-1930*”. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III (4v.). O Brasil Republicano, 1º volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SCHOONHOVEN, E. *Edouard Bunge. Biographie Nationale de Belgique*. Academia Real de Ciências, Letras e Belas Artes. Tom 35. Bruxelas, 1970, p. 92-93.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Hucitec/ Ed. Unicamp, 2000.
- SUZIGAN, Wilson; SZMRECSÁNYI, Tamás. *Os investimentos estrangeiros no início da industrialização do Brasil*. In: SILVA, S.; SZMRECSÁNYI, T. (org.). *História econômica da Primeira República*. São Paulo: Hucitec/ ABPHE/ Editora da USP/ Imprensa Oficial, 2002.
- TELLA, Guido di; ZYMELMAN, Manuel. *Las etapas del desarrollo económico argentino*. Eudeba: Buenos Aires, 1967.